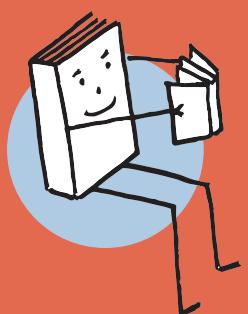
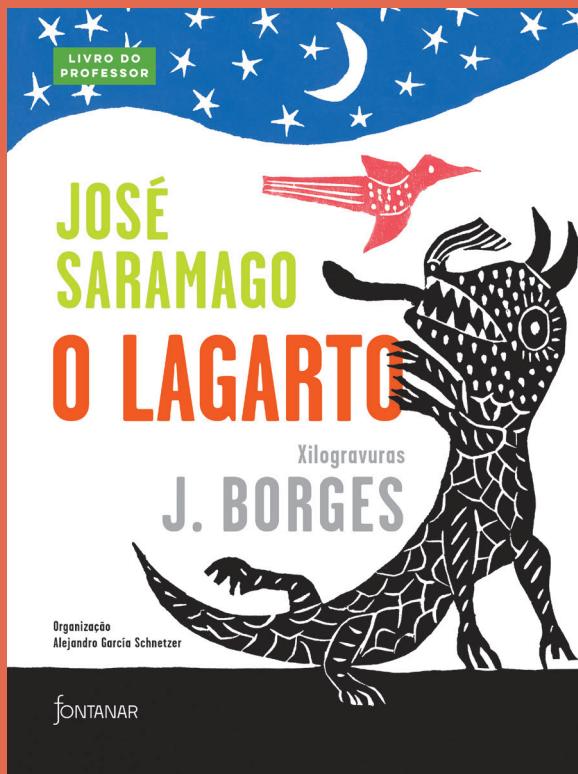


Material digital de apoio à prática do professor



AUTORIA

Luciana Zampieri
Especialista da Comunidade Educativa
CEDAC

COORDENAÇÃO

Fátima Fonseca
Coordenadora da Comunidade Educativa
CEDAC

fontanar

Material digital de apoio à prática do professor

AUTORIA

Luciana Zampieri
Especialista da Comunidade Educativa CEDAC

COORDENAÇÃO

Fátima Fonseca
Coordenadora da Comunidade Educativa CEDAC

LIVRO

O lagarto

AUTOR

José Saramago

ILUSTRADOR

J. Borges

ORGANIZADOR

Alejandro García Schnetzer

CATEGORIA 2

Obras Literárias do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental

TEMAS

Diversão e aventura
Mistério e fantasia

GÊNERO LITERÁRIO

Conto, crônica, novela

fontanar

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Revisão

Ana Luiza Couto

Maitê Acunzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Zampieri, Luciana

Material digital de apoio à prática do professor : O lagarto / Luciana Zampieri ; coordenação de Fátima Fonseca, CEDAC. — 1^a ed. — Rio de Janeiro : Fontanar, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-85-8439-260-5

1. Literatura infantojuvenil – Estudo e ensino 2. Material de apoio ao professor 1. Título 11. Fonseca, Fátima III. CEDAC IV. Saramago, José. O lagarto.

21-5554

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS FONTANAR LTDA.

Praça Floriano, 19 — Parte sala 3001

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

Sumário

Carta ao professor	5
Estrutura do material digital	6
Contextualização	6
Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental	9
Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa	14
Pré-leitura	15
Leitura	16
Pós-leitura	23
Outras propostas de leitura e abordagem da obra	26
Ampliação da comunidade de leitores na escola	26
Literacia familiar	26
Bibliografia comentada	28

Carta ao professor

Uma das funções mais complexas da escola é formar leitores proficientes (competentes e críticos) que façam uso da leitura em diversas circunstâncias e com diferentes propósitos. Isso porque a formação de sujeitos para uma sociedade democrática pressupõe, entre outros aspectos, um intenso trabalho de leitura.

Os textos literários são dotados de características que contribuem bastante para uma formação que considera o plural e o diverso, fornecendo múltiplas possibilidades para o sujeito compreender o mundo em que vive, a partir de uma compreensão de si mesmo e do outro. Os bons textos literários são polissêmicos, vigorosos e podem levar o leitor a ter variadas experiências estéticas.

No artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, Jorge Larrosa Bondía explica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Num mundo caracterizado por tanta informação, mas pouca experiência, é fundamental essa experiência que toca, atravessa e transforma o leitor, e que nesse caso só é possível porque concebemos a literatura como arte. Sua matéria-prima é a linguagem, utilizada pelos autores em toda sua potência, elasticidade e facetas. Quantas vezes uma palavra que conhecemos tão bem tem seu sentido transformado em textos literários, construindo novas imagens e ampliando nossa forma de olhar as coisas? O ato de refletir sobre os usos e os efeitos de sentido é uma experiência que desejamos que todos os estudantes tenham a oportunidade de vivenciar, ampliando assim seus conhecimentos sobre recursos linguísticos e, consequentemente, a habilidade de se expressar no mundo.

Este material foi produzido sob a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em educação, literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em contemplar a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro nos contextos escolar e familiar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. A intenção foi indicar caminhos para que você possa mediar uma experiência literária significativa para as crianças do Ensino Fundamental, contribuindo para que o direito de acesso aos bens culturais — neste caso ao livro, à leitura e à literatura de qualidade — fosse garantido, assim como a formação leitora a ser desenvolvida na e a partir da escola.

Bom trabalho!

ESTRUTURA DO MATERIAL DIGITAL

Este material serve como apoio para você trabalhar com o livro *O lagarto*. Desde já, enfatizamos que as propostas aqui apresentadas são apenas sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. O material está organizado da seguinte forma:

- **Contextualização:** apresentação de informações importantes sobre a obra, o autor e o ilustrador.
- **Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental:** subsídios e orientações sobre a importância da leitura deste livro nessa etapa escolar e sua contribuição para a formação leitora das crianças, estabelecendo relações entre as práticas sugeridas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Política Nacional de Alfabetização (PNA).
- **Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho nos momentos da pré e pós-leitura, e também para a interação verbal durante a leitura dialogada, considerando momentos nos quais se possa, ao conversar sobre o lido, também ampliar o contato com a língua e desenvolver uma construção coletiva da compreensão do que se lê.
- **Outras propostas de leitura e abordagem da obra:** sugestões para ampliar o trabalho de leitura na escola e para explorar a literacia familiar, a fim de que as crianças entrem em contato com outros leitores, o que contribui para se tornarem leitores autônomos.
- **Bibliografia comentada:** lista das obras usadas para elaborar este material digital, com breves comentários.

CONTEXTUALIZAÇÃO

O lagarto proporciona excelentes oportunidades de conversas. É um **conto** com uma narrativa breve, marcada pela concisão e poucos personagens, tendo como conflito o surgimento inexplicável de um lagarto incomum, no bairro do Chiado, em Lisboa. Entre os diversos tipos de conto (de fadas, terror, mistério etc.), esta narrativa configura-se como fantástica, com um convite que **José Saramago** faz ao

leitor: participar de um pacto ficcional no qual o fantástico é composto de elementos do cotidiano real e dos elementos sobrenaturais que se relacionam e compõem a ambientação da trama.

O cenário da história é uma rua, com pessoas, lojas, carros e elementos que fazem parte do universo real. O lagarto, “um sardão imponente, com uns olhos que pareciam de cristal negro” (p. 5) é a manifestação do desconhecido, do sobrenatural. O fantástico é a fronteira entre esses dois mundos, mas não pertence a nenhum deles.

No conto, o narrador anuncia de antemão que a história que deseja contar é inacreditável. E, mesmo temendo tornar-se motivo de riso, prossegue a narrativa sobre um lagarto grande e verde, de “corpo flexuoso coberto de escamas” (p. 5), que surge numa rua e que, “como se fosse lançar-se num súbita corrida, enfrentava as pessoas” (p. 6). Diante desse conflito, surgem forças diversas para atacar o lagarto, mas no fim a situação é resolvida com a inserção de um elemento mágico que transforma o lagarto em flor e posteriormente em pomba.

Como é possível notar, as personagens do conto escapam dos elementos do real, do cotidiano, e entram em contato com elementos fantásticos e fantasiosos, numa trama envolta por **mistério e fantasia** dos acontecimentos envolvendo o lagarto. Há também **diversão e aventura** nesta narrativa em que o lagarto surge sem explicação, levando-nos além da realidade imediata, envolvendo-nos em acontecimentos que de tão absurdo chegam a ser engraçados.

SOBRE OS MESTRES SARAMAGO E J. BORGES

O autor da obra é José Saramago, que nasceu em Portugal em 1922. Considerado um dos autores mais intergeracionais da literatura, foi o primeiro escritor de língua portuguesa a receber o prêmio Nobel de Literatura, em 1998. Escreveu muito: foram quase vinte romances, além de peças de teatro, crônicas, contos, poemas, memórias e até um livro sobre viagens. Pelo conjunto de sua obra também recebeu a mais importante distinção para os autores de língua portuguesa, o Prêmio Camões, em 1995. A qualidade e a importância de sua obra para o mundo são inegáveis, bem como sua contribuição para a literatura de língua portuguesa.

Quando jovem, em razão de dificuldades econômicas, foi obrigado a interromper os estudos secundários e exerceu diferentes atividades profissionais; trabalhou como serralheiro, desenhista, funcionário público, editor e jornalista. Escreveu seu primeiro livro aos 25 anos, *Terra do pecado*, e só depois de quase vinte anos publicou o segundo, *Os poemas possíveis* (1966). A partir de 1976, passou a viver exclusivamente da literatura. Em 1986, conheceu a jornalista, escritora e feminista espanhola Pilar del Río, com quem se casou e viveu até morrer.

Entre a obra tão ampla de Saramago, destaca-se *Ensaio sobre a cegueira*, que ganhou adaptação para o cinema, com Fernando Meirelles na direção.

- *Ensaio sobre a cegueira (Blindness)*. Brasil, 2008. 117 min. 16 anos.

Uma curiosidade é que Saramago na verdade não escreveu nenhum livro destinado às crianças em particular: *A maior flor do mundo* era um texto publicado numa revista, e não em especial a leitores infantis, e *O silêncio da água* e *O lagarto*, publicados após sua morte, foram extraídos de outros livros — *As pequenas memórias* e *A bagagem do viajante*, respectivamente. Quando menino, Saramago interessava-se por livros destinados ao público adulto e por isso acreditava que não havia problema em uma criança ler um livro sem o entender plenamente. Dizia que numa segunda leitura os pequenos poderiam entender melhor essas obras e concluía que assim é que se formavam os leitores — mas não deixava de reconhecer a importância da literatura infantil como um primeiro passo para o percurso leitor.

Para conhecer mais do legado desse escritor, visite o site da Fundação Saramago, criada para “da[r] abrigo ao homem, aumentarmos o tempo do escritor, sermos também a sua casa, o lugar onde as ideias se mantêm, o pensamento crítico se aperfeiçoa, a beleza se expande, o rigor e a harmonia convivem”.

Em 2022 comemora-se o centenário de nascimento do escritor, e a Fundação planejou uma série de eventos e conteúdos para comemorar essa data e apresentar a obra desse autor para novos leitores.

- Fundação Saramago: <https://www.josesaramago.org> (Acesso em: 24 nov. 2021.)

Em homenagem ao escritor, um texto que traz uma breve biografia dele e também uma entrevista com Pilar del Río, presidente da Fundação José Saramago.

- Saramago, uma década de ausência: [https://bit.ly/Saramago Ausencia](https://bit.ly/SaramagoAusencia) (Acesso em: 24 nov. 2021.)

O ilustrador responsável por *O lagarto* é José Francisco Borges, conhecido como **J. Borges**. Ele nasceu em 1935 na zona rural de Bezerros, município do Agreste Central, em Pernambuco. Foi por meio das histórias contadas na hora de dormir pelo pai, o agricultor Joaquim Francisco Borges, que o menino José Francisco enveredou pelo mundo da sonora e ritmada poesia de cordel. Autodidata, o gosto pela poesia o fez encontrar nos folhetos de cordel um substituto para os livros escolares, já que frequentou a escola por um curto período, quando já era adolescente. Ainda na infância trabalhou na lavoura e vendia na feira da cidade colheres de pau que ele mesmo produzia. Foi pedreiro, carpinteiro, pintor de parede, oleiro, trabalhador da palha da cana-de-açúcar e vendedor de folhetos de cordel.

Em 1964, incentivado pelo poeta e amigo Olegário Fernandes, escreveu o primeiro folheto, *O encontro de dois vaqueiros no sertão de Petrolina*, com capa ilustrada pelo mestre cordelista e xilogravurista Dila (José Soares da Silva). O folheto, que narra a disputa dos vaqueiros pelo prêmio (a filha do coronel), teve cinco mil exemplares vendidos em apenas dois meses. O desempenho estimulou o artista a produzir, no ano seguinte, o segundo cordel, mas, como não tinha condições de pagar um colaborador, resolveu fazer ele próprio as imagens.

Atualmente, as xilogravuras produzidas pelo mestre J. Borges são impressas e vendidas e já lhe renderam diversos prêmios, como os concedidos pela Fundação Pró-Memória (Brasília, 1984), pela Fundação Joaquim Nabuco (Recife, 1990) e pela Unesco na categoria Ação Educativa/Cultural, em 1995.

POR QUE LER ESTA OBRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A escolha de um livro a ser lido para a turma é sempre fruto de questionamentos, reflexão e estudo por parte de professores. Nesse momento, é preciso seguir alguns critérios de seleção: diversidade de gêneros, escolha de autores e ilustradores já reconhecidos, livros que promovam distintas experiências estéticas e obras ainda não conhecidas pela turma, entre outros. Entretanto, mais do que isso, a pesquisadora argentina Cecilia Bajour destaca que a escolha também deve ser feita por “textos vigorosos, abertos, desafiadores, que não caiam na sedução simplista e demagógica, que provoquem perguntas, silêncios, imagens, gestos, rejeições e atrações [...]” (*Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2020. p. 52).

O lagarto encaixa-se bem nessa proposta, pois abre espaço para diversos questionamentos acerca dos acontecimentos inusitados que são resultantes das caracte-

rísticas do gênero da obra e do estilo do autor. O personagem lagarto — elemento que excede os limites do real, inserido na situação real (cotidiano de uma rua) — suscita estranhamento e muitos questionamentos.

Outro aspecto importante é que, na obra de Saramago, os acontecimentos relacionados ao fantástico “dissolvem as unidades clássicas de tempo, espaço e personagens”, como diz Marcela Carranza no texto “A realidade do fantástico” (*Revista Emilia*, 9 nov. 2017). E são esses elementos que sustentariam as noções dominantes de realidade, por isso os contos fantásticos trazem ao leitor desafios que permeiam as dimensões do imaginário e do encantamento. Em *O lagarto*, esses aspectos são caracterizados primeiro pelo anúncio do narrador, que diz que a “história é de fadas” (p. 5), mas o leitor se depara com um lagarto de características bem peculiares; não há uma descrição do lugar onde aparece a criatura, somente o nome do bairro, que não deve ser conhecido pelo leitor. Além disso, não há personagens que dialogam, apenas “uma velha aos gritos” (p. 9).

Durante a leitura, diante do estranhamento da situação, as crianças são investigadas a elaborar questões sobre os fatos narrados. É provável que esses questionamentos coincidam com as **chaves de leitura** pensadas pelo professor. Se os estudantes expuserem suas dúvidas durante a leitura, é fundamental que elas não sejam respondidas, mas sim “devolvidas” ao grupo, para que todos reflitam sobre as hipóteses ou esperem o desenrolar da trama em busca de mais recursos para as respostas. Se o grupo não verbalizar essas questões, você pode instigá-los: **de onde veio o lagarto? Como surgiu? Tem uma origem?**

Possivelmente, os estudantes buscarão explicações que pertençam à natureza “do real”, e se não encontrarem por si próprios, tampouco na conversa entre os colegas e professor, serão estimulados, segundo Marcela Carranza, a conjecturar sobre o que tem de real no fantástico e a reconhecer até onde vão os limites do que é real. Essa experiência com o texto é um dos objetivos primordiais no trabalho, pois muitas dessas questões sobre a obra — senão todas — não terão uma resposta única.

À medida que vocês avançarem na **leitura dialogada** e os estudantes entrarem no jogo da narrativa, outras perguntas sobre o fantástico poderão ser elaboradas, como se o fantástico pudesse ser considerado no real — essa é uma das chaves de leitura desta obra. Quando o lagarto se transforma em rosa e lava as fachadas dos prédios, por exemplo, você pode lançar a pergunta: **por que ele fez isso?** Nesse momento da narrativa, o lagarto já é personagem no real e podemos considerar que está mesmo lavando as fachadas — seja por ter um objetivo conhecido do senso comum para isso (pois geralmente, quando as fachadas estão sujas, são pintadas ou lavadas),

seja por razões desconhecidas. As crianças poderão elaborar hipóteses segundo o que vivenciam nessa recepção do texto; porém, com liberdade para experimentar a elaboração de respostas que sejam de origem fantástica ou pertencentes ao “real”.

Outro trecho favorável para analisar essa chave de leitura com os estudantes é quando uma rapariga deixa cair no chão o cesto com flores: “as flores rolaram pelo chão, de tal maneira que fizeram em volta do lagarto um círculo perfeito” (p. 11). Aqui, como diz Carranza, “a narrativa fantástica não pode existir sem o ‘cotidiano real’” (*Revista Emilia*, 9 nov. 2017), e as flores passam a integrar o fato aparentemente inexplicável, permitindo que possíveis questões sejam feitas e respondidas com base nesse intercâmbio entre as flores e o lagarto.

Outra possível entrada de trabalho nesta obra é a questão da língua na qual o livro é escrito, que é o português de Portugal, uma variante da língua portuguesa. É importante que as crianças leiam o texto sabendo disso, e é possível que ao longo da leitura não reconheçam algumas palavras pelas diferenças de significado ou pela grafia; por isso será necessário, para além da obra, propor uma reflexão sobre as diferenças entre a língua portuguesa falada no Brasil e a que se fala em Portugal, quanto à pronúncia e ao vocabulário, por exemplo. É importante abrir espaço para falar dessa diversidade, ampliando a possibilidade de os estudantes refletirem sobre as variações da língua portuguesa e como são reflexo da história e cultura dos diferentes povos que a têm como língua-mãe. Essa é uma das possibilidades de análise que contribuem para o desenvolvimento das seguintes competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental:

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem. [...]
4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos. (BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Conselho Nacional de Desenvolvimento da Educação, 2018. p. 87.)

As ilustrações de J. Borges dialogam com a estrutura textual do conto, que é marcada pela oralidade presente nos “causos” e também nos cordéis, possibilitando um trabalho de intertextualidade entre esse conto e outros que você pode apresentar ou que já façam parte do repertório das crianças.

Enfim, são muitas as possibilidades que este livro abre para debate, e esse é um dos motivos por que ele colabora com a formação de um leitor que assume seu papel ativo e questionador diante do que lê. Além disso, a obra também contribui para o desenvolvimento da seguinte competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, indicada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.
(BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/Conselho Nacional de Desenvolvimento da Educação, 2018. p. 87.)

As propostas de atividades que apresentamos neste material visam também, como recomenda a Política Nacional de Alfabetização (PNA), assegurar momentos de **interação verbal** nos quais se possa, ao conversar sobre o lido, ampliar o contato com a língua e desenvolver uma construção coletiva da compreensão do que se lê:

A compreensão de textos, por sua vez, consiste num ato diverso do da leitura. [...] Outros fatores também influem na compreensão, como o vocabulário, o conhecimento de mundo e a capacidade de fazer inferências. (BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. PNA – *Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização*. Brasília: MEC/Sealf, 2019. p. 19.)

É importante ressaltar que, embora seja possível promover diálogos com diferentes áreas e propor desdobramentos de atividades, a leitura de uma obra literária é uma *experiência em si*. Nesse sentido, a apreciação estética do texto e das ilustrações proporcionada pela leitura, bem como a conversa e a troca de impressões com outros leitores, já garantem muitas aprendizagens às crianças: contribuem para a formação dos leitores literários; para a imaginação e a possibilidade de invenção de outros mundos possíveis; para a reflexão sobre si mesmos e sobre a realidade que os cerca; para conhecer outros jeitos de viver e estar no mundo; para desenvolver a

empatia e o respeito às diferenças, além de ampliar as referências estéticas textuais e visuais das crianças.

Na própria BNCC, encontramos uma habilidade que expressa essas aprendizagens envolvidas na situação de leitura de um texto literário:

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

Além dessa habilidade que diz respeito ao contato com a literatura, podemos citar outras que a leitura deste livro aborda:

(EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

(EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.

(EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa

Ao ler um livro para sua turma, é importante conhecê-lo profundamente, atentando para o contexto da produção da obra, a autoria, as características do texto — gênero, estilo do autor — e da ilustração — técnicas, modos de representação e relação com a narrativa textual. A exploração cuidadosa do livro ajuda a planejar como apresentá-lo às crianças, que perguntas fazer e o que comentar ou conversar no momento da **interação verbal** a fim de que elas ampliem os sentidos construídos na leitura.

Um bom livro de literatura infantil costuma apresentar muitas camadas de leitura aos leitores. Desse modo, há também várias possibilidades de leitura e de entrada naquele universo que o livro apresenta. Essas formas de entrada no livro são as **chaves de leitura**.

De acordo com a pesquisadora argentina Cecilia Bajour, a **chave de leitura** de um texto diz respeito ao modo como escolhemos adentrar em um livro a partir do que consideramos essencial para o entendimento da narrativa. Contudo, por mais que se planeje esse momento, é fundamental estar aberto às contribuições das crianças. Nas palavras de Bajour:

As leituras que escapam à chave adotada pelo professor também podem ser interessantes, e é importante valorizá-las: todos nós, leitores, crescemos com as leituras dos outros, e isso também se transmite. Na conversa literária uma chave se enriquece com outras chaves. (*Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012. p. 67.)

Essas chaves são elementos importantes para planejar a conversa ou a interação verbal entre os estudantes para garantir que eles usufruam da obra escolhida e assim ampliar os sentidos construídos durante a leitura.

A **interação verbal** entre os leitores é uma ação importante a ser garantida de forma permanente na escola. Já reparou como é gostoso conversar com outros

leitores depois de ler um livro? Especialmente se for uma obra que nos emocionou ou nos deixou inquietos. Dá vontade de compartilhar o que nos entusiasmou com aquela leitura ou de comentar algo que nos incomodou. Ouvir a opinião de outros leitores também nos ajuda a ler melhor, pois o que toca uma pessoa nunca é igual ao que toca outra, e ao ouvir as impressões de outros leitores ampliamos nossa leitura.

Por tudo isso, a conversa (ou a interação verbal entre os leitores) é um conteúdo escolar — precisa, portanto, ser planejada e ter seu tempo reservado na rotina de leitura. Lançar perguntas que permitam respostas abertas promove e valoriza diferentes comentários, e assim as crianças se sentem mais à vontade, por exemplo, para dizer o que acharam da história, colocar-se no lugar dos personagens, fazer comparações com outros livros, emitir opiniões e impressões sobre passagens polêmicas da narrativa, os personagens e o desfecho do livro.

Neste material, daremos algumas ideias para a exploração da obra nos momentos da pré e pós-leitura, além de sugestões para a interação verbal durante a **leitura dialogada**. São sugestões que podem ser ajustadas levando em conta as necessidades e os conhecimentos de sua turma, bem como seus objetivos com a leitura desta obra.

PRÉ-LEITURA

Considerando a importância das diferentes práticas de leitura na rotina de sala de aula, antes de ler *O lagarto* com as crianças sugerimos fazer uma roda de apreciação com livros do gênero “conto fantástico” que vocês tenham disponíveis no acervo da escola. O objetivo dessa proposta é que as crianças reconheçam algumas das principais características dessas obras por meio da sinopse (na quarta capa ou nas orelhas), das ilustrações e da capa.

Outros contos fantásticos

- *As aventuras de Pinóquio*. Texto de Carlo Collodi e ilustrações de Odilon Moraes. Trad. de Marina Colasanti. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.
- *Cultura da terra*. Texto e ilustrações de Ricardo Azevedo. São Paulo: Moderna, 2008.
- *Fantasma só faz buuu!* Texto de Flávia Muniz e ilustrações de Elizabeth Teixeira. São Paulo: Moderna, 2004.

- *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa*. Texto de C. S. Lewis e ilustrações de Pauline Baynes. Trad. de Paulo Mendes Campos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2003.
- *Odisseu e a vingança do deus do mar*. Texto de Ana Maria Machado e ilustrações de Igor Machado e Luiza Rezende. São Paulo: Moderna, 2008.

Antes de dar início ao trabalho, é necessário selecionar previamente os livros e organizar a turma em pequenos grupos ou em duplas, a depender do número de títulos disponíveis. No dia da atividade, proponha que explorem o acervo e selezionem uma das obras, sem lhes informar que se trata de contos fantásticos. Reserve um tempo para que possam folhear o livro, identificar os autores, ler a sinopse, observar as ilustrações etc.

Após ouvir as observações das crianças, seria interessante fazer algumas perguntas para incentivar a interação verbal:

- Segundo as informações lidas, **do que** trata o livro que cada um de vocês escolheu?
- **Que** tipo de personagem aparece nesses livros?
- Vocês conhecem outras histórias parecidas com essas?
- Vocês notaram que nessas obras alguns personagens são monstros, fantasmas, seres invisíveis ou mágicos?
- Observaram que eles interagem com pessoas e ambientes do mundo real?

Ao término dessa conversa, você pode dizer aos estudantes que lerão um livro muito especial, com características semelhantes às dos analisados.

LEITURA

A **leitura compartilhada** do livro é a modalidade de leitura sugerida para este momento porque, com o livro em mãos, os estudantes poderão, a partir das intervenções do professor e da interação com os colegas, analisar com mais subsídios determinadas passagens e ilustrações dos textos. Essa leitura colaborativa supõe a mobilização de determinados procedimentos e habilidades com base nos conhecimentos prévios dos estudantes e das pistas que o texto oferece.

APRESENTAÇÃO DA OBRA

Apresentar o livro e expor informações sobre a obra, o escritor, o ilustrador e o tradutor (quando se trata de um texto traduzido) é uma das atividades fundamentais no trabalho com leitura literária, além de oferecer aos estudantes diversos aprendizados. No caso desta obra, destacam-se: a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre quem escreve e ilustra o livro e o percurso de criação que permeia esse trabalho; que características da vida pessoal podem ter contribuído para formação desses profissionais. Por exemplo, na infância, José Saramago gostava muito de ler, e de ler livros destinados ao público adulto, portanto mais desafiadores que a maioria das obras publicadas para as crianças. J. Borges, quando menino, foi ouvinte de muitos cordéis lidos pelo pai e fazia desde pequeno trabalhos manuais com madeira.

Após abrir espaço para as crianças trazerem seus conhecimentos prévios sobre os autores, é importante completar as informações com fatos adicionais e curiosidades. Você pode explicar que o escritor é português e que o livro não tem tradutor; então, caso ninguém faça comentários sobre isso, pode-se perguntar: descobrimos que José Saramago nasceu em Portugal, mas sua obra não tem tradutor... **Por quê?**

Provavelmente os estudantes recorrerão ao conhecimento de que o Brasil já foi colônia de Portugal, e que por essa razão a língua é a mesma, ou muito parecida. Vale complementar, se for necessário, que o ritmo da fala e a pronúncia das palavras são diferentes, além de existirem termos e expressões em uma que não existem na outra. Há também a questão de uma mesma palavra ter significados distintos nos dois países. Outra possível questão é: só no Brasil é que se fala português?

Pode ser que alguns estudantes saibam de outros países que também têm o português como língua oficial — como resultado dos estudos escolares ou porque essa informação costuma ser veiculada na imprensa, quando há eventos esportivos mundiais, por exemplo. É importante ouvir o que as crianças têm a dizer e, se necessário, completar as informações.

LEITURA DO TÍTULO, OBSERVAÇÃO DA ILUSTRAÇÃO

Após essa conversa sobre a língua, você pode apresentar este livro explorando a capa. Observem juntos, atentamente, a ilustração da capa para que as crianças criem algumas hipóteses sobre o que poderá acontecer nesta narrativa. É necessário informar aos estudantes que neste momento não lerão a quarta capa.

- Estamos vendo que o título deste livro é *O lagarto* e que há um grande lagarto na capa. **Por que** vocês acham que o autor escolheu este título?
- **O que** será que vai acontecer nessa história?

Abrir espaço para que possam trocar ideias em torno das questões é uma das formas de engajá-las para esse início da leitura.

COMPREENSÃO TEXTUAL

A estrutura textual que compõe a obra de Saramago pode, a princípio, trazer alguns desafios em relação ao entendimento. Conhecido por um estilo marcado pela oralidade, sua linguagem pode causar estranhamento para as crianças em uma primeira aproximação.

É uma excelente oportunidade de elas entrarem em contato com um texto diferente, que é característico de um autor renomado e que pode proporcionar uma experiência singular — experiência potente para ser de início vivida esteticamente, depois acessada e compreendida, e então, consequentemente, desfrutada.

Já no começo da história talvez seja importante fazer uma conversa. É esperado que os estudantes compreendam que um lagarto apareceu num local e que esse animal tinha determinadas características. Você pode perguntar:

- Com a leitura do texto pudemos ter mais informações sobre o lagarto. **Como ele é?** Parece um lagarto comum? **O que** mais chamou a atenção de vocês nesse animal?
- Quando lemos o título da obra e analisamos a ilustração na capa, vocês imaginaram que o lagarto pudesse ter essas características?

Solicite que retomem o texto da página 5 e leiam o trecho que apoia as respostas elaboradas. Vale destacar que, se algumas características do lagarto fossem lidas isoladamente, talvez fossem incompreendidas, mas por estarem acompanhadas das outras trazem uma boa ideia de como é esse animal — para uma primeira leitura, isso já é suficiente.

Mesmo assim, é comum que, despertados pela curiosidade, ao longo da leitura da obra alguns queiram saber exatamente o que significam eventuais palavras, como: “soberbo”, “soerguido”, “flexuoso”, “bífida”... E não há problema nenhum em informá-los, já que essa intervenção contribui para o desenvolvimento de vocabulário mais amplo e diverso do que os estudantes usam no dia a dia, conforme res-

salta a PNA (p. 34). E seria mesmo interessante esclarecer algumas palavras, já que o significado de algumas delas não pode ser inferido no próprio texto. Exemplos: “Chiado” (bairro da cidade de Lisboa), que aparece no início do conto, e “Rossio” (praça de Lisboa) que aparece na página 16.

Sugerimos fazer uma pausa para avaliar o que os estudantes compreenderam sobre o trecho no qual o narrador anuncia que vai contar uma história:

- O narrador acha que as pessoas rirão dele quando ele contar essa história.
Por quê? (Poderão supor que ele vai contar uma história sobre um lagarto incomum, por isso pode ser motivo de riso.)

Após essa **leitura compartilhada** das páginas iniciais, as crianças já terão mais condições de compreender os acontecimentos iniciais da narrativa e de criar expectativas sobre os acontecimentos futuros, interessando-se mais pela leitura.

Outras questões para enriquecer a conversa sobre a obra podem ser feitas:

- **Por que** as pessoas se assustaram tanto com o lagarto?
- Há algum trecho no livro que indique que ele era perigoso?

Os estudantes podem se reportar ao trecho “como se fosse lançar-se numa súbita corrida, enfrentava as pessoas e os automóveis” (p. 6) para justificar que o lagarto poderia fazer mal a alguém. Mas você pode contrapor:

- De acordo com o texto, **o que** o lagarto fez para assustar as pessoas? Será que esse movimento de enfrentar não era uma forma de se defender?

Os estudantes podem retomar o texto e voltar a ele para justificar as respostas. A narrativa por vezes indica que o lagarto ficou mais tempo “parado”, não se “mexeu”. Mesmo assim, o ataque contra ele foi geral.

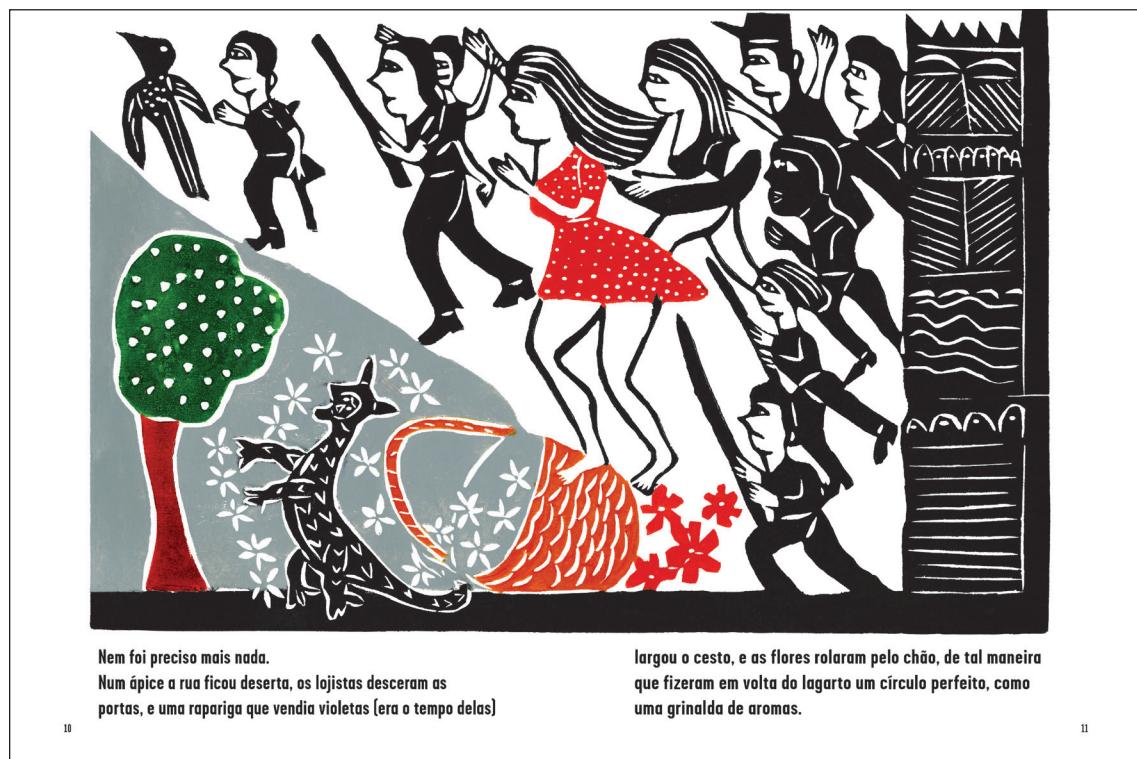
Para complementar essa análise sobre o lagarto, proponha que as crianças observem como ele foi representado nas ilustrações ao longo do livro, especialmente quando é ameaçado pelas mãos com lanças (p. 14-5) e na página dupla que precede à transformação (p. 20-1):

- **Por que** será, que mesmo antes da transformação, o lagarto foi ilustrado com formas e cores diferentes? (As crianças podem dizer, por exemplo, que o ilustrador quis mostrar como ele estava se sentindo, ou como o animal era visto pelas pessoas.)

Outro trecho intrigante é quando as violetas rolam pelo chão e se colocam em volta do lagarto (p. 10-1).

- **Por que** vocês acham que isso aconteceu?

As crianças podem fazer algumas suposições: as fadas já estavam agindo, as flores perceberam que o lagarto precisava de proteção, o lagarto era do “bem” e atraiu as violetas, entre tantas outras, já que estamos tratando de um conto fantástico. O importante é que nessa troca os estudantes possam conhecer a opinião dos amigos e refletir sobre a criação do autor.



Um fato instigante é o não aparecimento das fadas. Essa constatação pode gerar muitas hipóteses interessantes, além de estimular uma reflexão sobre tudo o que já foi discutido até esse momento da leitura. Uma sugestão de encaminhamento:

- E as fadas, **por que** não apareceram no conto? Se um lagarto tão incomum pôde surgir de repente, **por que** as fadas não se mostraram ao menos quando ajudaram o lagarto?

As crianças podem dizer que as fadas simplesmente não quiseram. Ou que elas estavam lá mas não apareceram porque o narrador avisou que elas não viriam, então elas não puderam se mostrar. São inúmeras as possibilidades. É importante, nesse momento, retomar os trechos em que o narrador fala sobre as fadas para vocês conversarem sobre a brincadeira de que esta seria uma história de fadas — em que ninguém mais acredita. E, no entanto, para contar sua história de fadas ele escreve uma história com um lagarto gigante.

Outro elemento que desperta a curiosidade é o fato de uma velha se destacar entre tantas outras pessoas que também estavam assustadas. **Por quê?** Essa é uma das perguntas para as quais não há resposta certa ou errada — e é importante que os estudantes fiquem com algumas indagações pendentes, que os mobilizem a outras leituras, outras conversas, outras perguntas...

Considerando que uma obra de qualidade não é contemplada numa única leitura, você pode retomar alguns trechos do livro em outra aula, com o objetivo de analisar os aspectos referentes à materialidade do texto. Para essa ocasião sugerimos a releitura do primeiro parágrafo:

De hoje não passa. Ando há muito tempo para contar uma história de fadas, *mas isto de fadas foi chão que deu uvas*, já ninguém acredita, e por mais que venha jurar e trejurar, o mais certo é rirem-se de mim. Afinal de contas, será minha simples palavra contra a troça de um milhão de habitantes. *Pois vá o barco à água, que o remo logo se arranjará.* (p. 5, realces incluídos)

“Isto foi chão que deu uvas” é uma expressão de origem popular do interior de Portugal. Essa marca da oralidade dos lusitanos é usada para dizer que determinado assunto está encerrado. As obras de Saramago estão povoadas de elementos do anedotário popular e muitas outras expressões como essa estão presentes em suas obras.

Sugestão de encaminhamento:

- **O que** vocês acham que o narrador quis dizer com essa expressão “mas isto de fadas *foi chão que deu uvas*”?

É provável que, após a leitura, pelo contexto os estudantes consigam inferir que ninguém mais acredita em fadas. Se não chegarem a essa hipótese, é importante

informar a origem da expressão para que possam relacioná-la com o trecho da narrativa e posteriormente compreender a comparação.

Já a expressão “Pois vá o barco à água, que o remo logo se arranjará” é de autoria de Saramago, que em muitas obras escreve textos em uma ordem sintática que lembra a ordem sintática dos provérbios. Essa também é uma informação que pode ser dada aos estudantes: este é um autor que gostava de usar expressões e ditos populares em seus textos, e que também gostava de inventar alguns.

Além disso, o narrador explora nesse caso a linguagem figurada, e esse aspecto também pode ser tema de conversa com os estudantes. Pode-se perguntar:

- **O que** o narrador quis dizer com essa frase? **O que** ela pode significar?

Talvez digam, por exemplo, que depois que o barco estiver na água um remo aparecerá para ser usado; e que o barco é como a história, ela será contada pelo narrador mesmo que ninguém acredite. É preciso que ela vá para a água.

- **Por que** essa frase é usada no fim desse primeiro parágrafo do livro?

É importante que os estudantes observem que foi uma forma de dizer do narrador, que ele prosseguiria sua contação, apesar de achar que ninguém lhe daria crédito. As crianças costumam surpreender os adultos com suas hipóteses e colocações, por essa razão o espaço para o diálogo é terreno fértil para a construção do entendimento sobre o que se lê.

Para finalizar essa análise da chave de leitura da linguagem, pode-se propor um desafio. Solicite que releiam a página 6 do livro:

- Nessa página o narrador escreveu um trecho que ficou parecido com um provérbio, um ditado popular. **Qual** é esse trecho? (Pode ser que leiam o parágrafo inteiro, mas talvez alguns indiquem exatamente o trecho: “dizendo consigo próprios, para não confessarem a covardia, que a fadiga, como diz o médico, causa alucinações”).

Outra sugestão que pode enriquecer o olhar dos estudantes para a obra é uma análise sobre a semelhança dessa obra com os cordéis. O texto de Saramago e os cordéis têm como característica o trânsito entre os registros orais e escritos. A fim de identificar a intertextualidade entre *O lagarto* e as narrativas cordelistas, pode-se en-

caminhar uma reflexão com o objetivo de que reconheçam o narrador como alguém que conversa com o leitor num tom de declamação íntimo e ritmado. Você pode ler alguns cordéis para a turma antes dessa análise, caso esse gênero não tenha sido contemplado nas rotinas de leitura. Algumas sugestões de perguntas aos estudantes:

- Existe alguma semelhança entre o narrador deste livro e o de um cordel?
Qual?

As crianças poderão dizer que o narrador conta esta história de uma forma parecida com o jeito contado nos cordéis. Você pode concluir essa análise abordando as ilustrações, perguntando se as do livro se parecem com as dos cordéis. Caso não reconheçam, podem ser informados de que as ilustrações são semelhantes porque usam a técnica da xilogravura, técnica típica para ilustrar os cordéis.

Depois de todo o trabalho de leitura desenvolvido, as crianças podem ler o livro em voz alta, experimentando empreender mais fluência e ritmo na leitura, entonação e emoção, como fazem os cordelistas.

PÓS-LEITURA

Ao longo do Ensino Fundamental, os estudantes são incentivados a participar de práticas sociais que visam ao desenvolvimento das diferentes linguagens. Explorar essas práticas contribui para que avancem nas aprendizagens que envolvem comunicação, expressão, observação e imaginação, bem como para que conheçam e respeitem as diversas manifestações culturais.

O lagarto pode ser objeto de estudo para a linguagem visual e as ilustrações desta obra podem promover a interdisciplinaridade com Arte. As artes visuais consideram o olhar como instrumento para o conhecimento do objeto a ser explorado e estudado e, como no caso da leitura, necessitam de um mediador para trabalhar as propostas segundo as habilidades a serem desenvolvidas. A BNCC traz a seguinte habilidade de Arte para o Ensino Fundamental:

(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

Este livro de Saramago foi ilustrado por uma grande personalidade da cultura popular do Brasil, J. Borges; por isso, é uma excelente referência artística para as crianças, que na atividade aqui proposta poderão experimentar a técnica da xilogravura com algumas adaptações para o espaço escolar. Seria interessante levar ao grupo outros livros com xilogravura ou cordéis para um momento de apreciação antes da oficina.

Depois de compartilhar que participarão de uma oficina de xilogravura, pergunte:

- Vocês sabem **como** se faz uma xilogravura? **Quais** materiais são usados?

Ouça o que os estudantes têm a dizer e, se for necessário, complemente as informações. Basicamente, eles precisam saber que o desenho é esculpido na madeira e depois de pronto é coberto de tinta e posteriormente impresso (carimbado) num papel ou tecido.

Explique que eles usarão essa técnica para ilustrar a parte da história de que mais gostaram; para isso, poderão se inspirar nas ilustrações de J. Borges ou criar as próprias. Depois dessa conversa inicial, se a escola tiver recursos disponíveis, exiba um vídeo sobre J. Borges.

Para ver um pouco do espaço de trabalho do artista e uma criança fazendo uma ilustração em xilogravura, ver o vídeo *Mestre J. Borges*:

<https://bit.ly/MestreJBorges>. Acesso em: 24 nov. 2021.

Se não for possível, você pode passar para a próxima etapa.

Reserve um tempo para que os estudantes voltem à obra com o objetivo de lembrar as partes de que mais gostaram, para observar detalhes das gravuras de J. Borges: as cores, os formatos, as linhas, os detalhes das figuras etc.

Para a oficina, separe previamente os seguintes materiais: bandeja de isopor (solicite com antecedência para serem arrecadadas entre os próprios estudantes e a comunidade escolar, a fim de que cada criança tenha uma), folhas de papel colorido, rolo de pintura pequeno ou pincel, lápis preto, tesoura sem ponta e tinta guache de diversas cores.

Antes de iniciar a oficina, explique as etapas para a produção de uma xilogravura:

- Recortar as bordas da bandeja, pois só usarão a parte plana.
- Desenhar no isopor algo relacionado ao trecho do livro de que mais gostou, pressionando o lápis de forma que o isopor fique marcado.
- Escolher a cor da tinta de preferência e passar com o rolinho na placa de isopor, cobrindo bem toda a superfície.
- Virar o isopor numa folha de papel e fazer pressão sobre a placa para transferir o desenho.
- Retirar o isopor com cuidado para não borrar o desenho. Esperar secar.

Proponha às crianças que elaborem de forma coletiva um texto sobre a técnica e a fonte de inspiração para essa produção. Você pode atuar como escriba da turma e orientar a textualização das informações expostas pelos estudantes. Esse texto deve ficar próximo ao local da exposição dos trabalhos.

Outras propostas de leitura e abordagem da obra

AMPLIAÇÃO DA COMUNIDADE DE LEITORES NA ESCOLA

O grupo da sala de aula pode constituir uma comunidade de leitores quando as crianças têm oportunidade de ler e apreciar histórias juntas. Sabemos, no entanto, que é possível ampliar essa comunidade envolvendo outras pessoas — como outros professores, colegas, familiares e moradores do entorno escolar —, constituindo a escola como uma comunidade de leitores. Para que isso ocorra, sugerimos pesquisar se na comunidade escolar há pessoas que poderiam contar histórias para as crianças ou se há grupos que organizam algum tipo de evento literário, como saraus ou clubes de leitura. Também seria interessante saber se há bibliotecas públicas e/ou comunitárias próximas. Engajar todos em prol da leitura leva os estudantes a acreditar que ler é uma prática gostosa e importante. Sugerimos aqui uma Sessão Simultânea de Leitura (ssl).

Essa atividade baseia-se em uma prática idealizada pela argentina Claudia Molinari, em que os professores selecionam livros e produzem resenhas para apresentar diversas possibilidades de leitura aos estudantes. Dessa maneira, as crianças podem escolher de qual roda de leitura desejam participar; cada uma se inscreve na sessão que preferir.

Assim, as rodas de leitura acontecem simultaneamente, misturando leitores de diferentes turmas, levando em conta acima de tudo o interesse que as crianças demonstram pela história escolhida. Após a leitura, todos são convidados a voltar para sua sala de aula para um momento de discussão sobre o que foi lido e também para compartilhar indicações literárias.

Sugere-se que *O lagarto* seja incluído numa sessão organizada com outros livros que abordem o fantástico e que o convite para essa atividade se estenda aos familiares das crianças para que possam juntos, participar desse momento tão especial.

LITERACIA FAMILIAR

Há pesquisas que apontam que crianças que têm contato frequente e de qualidade com situações e materiais de leitura apresentam maior probabilidade de se tornarem leitores competentes. Incentivar a leitura com a família, orientando-as a man-

ter essas práticas em casa, poderá criar um cenário favorável e significativo para a leitura de histórias. Para isso, os familiares precisam de dicas para saber o que fazer quando receberem os livros.

As orientações mais gerais são: criar uma rotina de leitura de histórias, que pode acontecer antes de a criança dormir ou em um horário que seja possível tal prática ocorrer; ter um livro em mãos para esse momento é indicado, mas a proposta pode ser variada, por exemplo: a família pode optar por contar uma história conhecida e até mesmo histórias pessoais, histórias familiares.

Ao encaminhar *O lagarto* para a casa das crianças, você pode escrever um bilhete aos familiares e responsáveis enfatizando a importância desse momento e incentivando-os a conversar com a criança depois. Oriente essa leitura em voz alta feita por um familiar para que a criança possa vivenciar outra experiência com essa obra. Como a obra já foi trabalhada em sala de aula, você pode incentivar que a criança seja a protagonista desse momento, que leia junto ou vá intercalando a leitura com um adulto. É importante também que os familiares abram espaço para o diálogo sobre a história, que eles comentem o que pensaram e que ouçam as impressões das crianças. Algumas perguntas podem ser feitas para essa situação: Gostou do livro? **Por quê?** Qual(is) parte(s) achou mais emocionante? **Por que** será que as pessoas tinham medo do lagarto? Você ficaria com medo?

Bibliografia comentada

BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2020.

A autora fala da importância da conversa para a formação do leitor e como essa troca entre leitores amplia as construções de sentido em uma leitura. Ela também traz exemplos práticos, refletindo sobre o papel do adulto na mediação da conversa e a importância do registro desse momento.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 30 out. 2021.

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA — Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC/Sealf, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/cadernoPNA>. Acesso em: 30 out. 2021.

Documento produzido pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Alfabetização (Sealf), que busca elevar a qualidade da alfabetização e combater o analfabetismo em todo o território brasileiro.

CARRANZA, Marcela. A realidade do fantástico. *Revista Emilia*, 9 nov. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/RealidadeFantastico>. Acesso em: 19 nov. 2021.

Uma reflexão sobre o que é conto fantástico, do ponto de vista de diversos especialistas e estudiosos sobre o gênero.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, pp. 20-8, jan.-abr. 2002. Disponível em: https://bit.ly/notas_experiencia. Acesso em: 30 out. 2021.

O autor propõe pensar a educação a partir da transformação pela experiência, aquela que acontece na relação entre o conhecimento e a vida humana.